

O Rei e a Fada



Ana Paula Arendt e ilustrações de Luíza Costa Manhães

Rei e a Fada

Ana Paula Arendt

ilustrações de Luíza Costa Manhães

BRASÍLIA

2016



Capa e Ilustrações:

Luíza Manhães

Revisão:

Cindy Nagel

Projeto Gráfico:

Railssa Alencar

Diagramação:

Ars Ventura Imagem e Comunicação

Impressão:

Gráfica Prudentópolis

Agradecimento:

Itamaraty

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A727r

Arendt, Ana Paula, 1980-

O rei e a fada / Ana Paula Arendt ; ilustração Luíza Manhães. - 1. ed. - Brasília, DF :
Só Livro Bom, 2016.

64 p. : il. ; 15 cm.

ISBN 978-85-920755-0-7

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Manhães, Luíza. II. Título.

16-30717

CDD: 028.5

CDU: 087.5

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt

E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com

Site: www.anapaulaarendt.com

*Aos meus filhos, com carinho. A eles,
autores de mim que gostavam de
completar rimas comigo,
nas histórias que a gente inventava,
antes da hora do sono.*

*É uma delícia a brincadeira
da vida e do seu sentido
só quem lê Padre Vieira
conhece o caminho deste abrigo.*

Are Paula proud



ra uma vez
um castelo
cheio de cavaleiros,
homens aranhas,
cavalos
e um Rei muito fagueiro.
Num certo dia,
o cavaleiro mais velho de todos
apresentou ao Rei um pedido
pela milésima vez de novo.



*Cavaleiro
mais velho*

de todos. – Senhor Rei,
mesmo o mais sábio governante
necessita de uma conselheira
de preferência,
bonita e brilhante.
Afimal, o que acontece
se Vossa Majestade adoecer?
Afimal, o que acontece
se algum dia o Rei enlouquece?
Quem é que vai lhe recuperar
a consciência,

garantir que Vossa Majestade
mantenha sempre a decência?

*O Rei então aceitou
fazer uma licitação pública
à qual as mais belas e inteligentes mulheres
apresentar-se-iam em tons corretos,
balouçando em lindas túnicas.
Após cerca de alguns anos
apareceu, finalmente,
uma Fada maravilhosa!
Que sabia muito bem português
e que tinha duas asas mimosas,*



transparentes, coloridas!
Douradas nas pontas,
sem cascas de feridas.
Toda vestida de branco.
Branco creminho.
Bateu à porta do castelo
e falou bem de mansinho:

Fada. – Olá! Muito bom dia.
Esta Fada ouviu falar
que um rei de uma mulher precisaria!
Eu me chamo Fada Morgana
e eu só faço o Bem;

ainda que todos só gozem
de quem faz sem olhar a quem.

Guarda. – Oh! Muito bem-vinda, Dona Fada!
Só um minuto
e Vossa Fadeza
será anunciada!

*A Fada ali esperou.
Enquanto o Rei...
...se desesperou!*

Rei. – Oh! E agora! Cavaleiros! Eu não tenho roupa!

Estou fedido feito um bicho!
E só falo besteiras com esta voz rouca!

Guarda. – Não se preocupe, Majestade.
Conduziremos a Fada
até seus aposentos,
assim ela não verá nada.
Enquanto isso, Vossa Realeza
toma um banho, se arruma,
vai ficar uma beleza.

*Os cavaleiros então
prepararam uma deliciosa refeição*

*cheia de suco de ontem,
pão de miga velho e feijão.
O Rei logo ralhou:*

*Rei. – Quê pelos céus é isto?
Um jantar para o homem-da-máscara-de-ferro?
É para ser um jantar para princesa
Oras! O que ela vai pensar? Que não somos realeza!*

*Os cavaleiros se desculparam
e um foi despedido
(aliás, por dois dias dispensado,
foi dormir de castigo).*



*Rapidamente prepararam
bolinhos, geleias e doces,
um rosbife temperado,
pão quentinho e molho agridoce.*

Logo então chegou a Fada,
cercada de beija-flores.
Perguntou a um guarda
como estavam seus cavalos voadores.
Um deles chamava-se Pégaso;
mas o apelido era Farofa,
porque tinha asas
e só comia farinha que não mofa.
O segundo chamava-se Brasa;
mas o apelido era Pudim
porque ele só galopava

se lhe davam sobremesa chamada assim.

Fada. – Oh! Olá, Vossa Majestade!
Eis-me aqui. Vim conhecê-lo.
Disseram-me ser o Senhor
um homem assim, de verdade.

Rei. – Sim! Eu sou de fato.
Um homem de boa vontade,
Gentil e de fino trato
(*disse o Rei, todo nervoso*).

– Mas oh! – *Continuou ele* –
Vossa Fadeza tem asas?!

Que coisa impressionante!
E no seu Reino, são todos alados?
Todos podem voar num instante?

Fada. – Sim. No meu Reino todo aquele que é bom
a despeito dos ventos do inverno,
do vazio e da falta de dom,
escapam voando do inferno.
Nascem em suas costas estas duas asas,
asas essenciais!
Para cuidar e animar uns aos outros,
sejam seres, plantas ou minerais.

Rei. – E onde fica vosso Reino?
De onde Vossa Fadeza vem?

Fada. – Fica depois daqueles pradeiros.
Numa árvore!
Tal qual essa que Vossa Majestade tem
(a Fada apontou para uma árvore importante,
que o Rei via de sua janela).

Rei. – A Senhora mora em uma árvore?
Com outros fados e fadas?

Fada. – Chamam-se magos – disse a fada rindo –

e, sim, moramos em árvores encantadas.

Rei. – E diga-me, se me permite.



que é que faz uma fada?

Fada. – Ah. Vive livremente obrigada.

Rei. – Obrigada? E ao mesmo tempo livre?

Fada. – É que eu faço o que bem entender
para manter a *joie de vivre*.

Rei. – *Joie de vivre*, o que é isso?

Fada. – Ah. Alegria de viver.
Sair andando por aí,

em pequenas coisas renascer.

*Os cavaleiros estavam gostando de ver
o Rei todo bem entretido.*

*Até alguns súditos vieram a correr
dar uma espiada nos dois bons amigos.*

Fada. – E o seu Reino, Vossa Majestade, como é?
Qual é a forma de governo?
O que Vossa Excelência faz, se lhe aprouver?

Rei. – No meu Reino existem os cavaleiros, os súditos e eu.
O governo vem da minha vontade.
E até agora ninguém morreu.

Fada. – Ah. Mas e se alguém se lhe discorda?

Rei. – Ameaço jogar no calabouço.
Assim logo ele concorda.

Fada. – Mas que governo primitivo!
E se sua vontade não for certa?

Rei. – Ora! Eu sou de todo súdito amigo!
E um bom Rei sempre faz coisa correta.
Não fosse assim eu, rei, não seria!
Afinal, estão todos aqui:
pedindo-me isto e aquilo, todo santo dia...

Fada. – E Vossa Majestade não tem medo
de cometer algum dia uma injustiça?
E se alguém deixar de socorrer?
E se Vossa Majestade ceder à cobiça?

Rei. – Ora. Justamente por isso é que eu busco uma esposa!
Uma mulher que me impeça,
quando eu der uma de raposa!

Fada. – Oh. Entendo.
Mas não sei se tenho todo esse poder.
Afinal de contas, se bem me lembro.
Seu governo é o seu querer.

Rei. – É verdade. De fato, não há ninguém que eu ouça.
Ao menos eu tivesse alguém...
Ainda que fosse uma simples moça.



Fada ficou com pena.

*Aliás, era sua política,
dizer que nunca condena.*

Mas ela não estava muito animada.

*Afinal, o Rei por ela
não parecia sentir quase nada!*

*E o Rei, embora curioso estivesse,
nem fazia ideia do que era uma fada.*

Mas ficou interessado.

*Aliás, ele ainda não havia visto
uma mulher que o tivesse assim questionado.*

*Só que ele não estava muito animado...
Afinal a Fada ainda
não havia lhe provocado!
Passou o tempo então.
Eles olharam para o teto.
Em busca de qualquer senão.
Tais quais dois energúmenos,
que não tomavam nada por certo.
Despediram-se, e sem assunto
foram tramar outro projeto.
Mas, quando chegaram à porta do castelo
encontrando seus cavalos,*

*eles se confundiram.
A Fada...
Sem querer, na pressa...
Montou Cabush, o cavalo do Rei!
E o Rei...
Montou no cavalo da Fada!
O Pudim. E saiu voando! Do nada.
Um terceiro cavalo estava pastando
batendo papo com a empregada.
Então, o Rei saiu voando,
no cavalo alado Pudim.
E voava pelo céu, gritando:*



Rei. – Alguém me socorra a mim!

*A Fada tentou socorrer,
desceu logo do Cabush e
pôs suas próprias asas a bater!
Mas o Rei, mais rápido, fazia: vuuuush!
Então o Rei caiu.
De lá de cima do céu.
Mas caiu nos braços da Fada!*

*Fada. – Ufa! Ainda bem que seu colo é de mel!
A Fada ficou um pouco brava
De o Rei não ter avisado*

que ela estava equivocada.

Fada. – Por que você não me avisou?
Que não era o meu cavalo!
Que não era pra eu montar!
Que eu estava com o errado?
Por que não pediu para eu esperar?

O Rei logo explicou.

Rei. – Eu também não sabia.
Eu estava muito apressado
Em fazer algo que interessaria.

Fada. – Que interessaria? Como assim?

Rei. – Ir com você até o seu Reino.
Igual você veio por mim.

*A Fada ficou emocionada.
Era um Rei muito perspicaz.
Ela até pensou desconfiada:
"Deve ser assim que ele sempre faz".
Mas ainda que a Fada
ao improviso fosse reticente,
ela aceitou de muito bom grado.
Preparou a visita, contente.*

E o Rei disse: "obrigado"!

Rei. – Mas como vamos chegar lá?
Meu cavalo não voa.

Fada. – Pra chegar lá não precisa voar;
basta ficar à toa.

Rei. – Como assim?

Fada. – Vamos à pé, com nossos cavalos,
sem nenhuma preocupação.
Vou lhe contando os encantamentos,
como se fôssemos em uma missão.



*O Rei gostou tanto da ideia,
que um sorriso se lhe escapou,
quem sabe talvez ele gostasse
de algo que nunca estudou.
Foram cada qual em seu cavalo,
andando pela floresta.
Mas tinha que ter muita coragem:*

Fada. – Rei. A cada passo alguém lhe testa.

*Rei. – Terei de passar por testes?
Mas eu já sou Rei!*

Fada. – Sim. Testes de consideração.

Testes de humildade.
Testes de gratidão.
Tem que ter muita fé
para não se perder na floresta,
pensar com todo seu ser
naquilo que ainda nos resta.
Para então aparecer
a árvore na qual eu moro,
onde naaaada pode nos aborrecer!

De depois de zanzar por aí
seguir uma estrela ou outra,
ouvir um passarinho aqui,
sem distinguir cousa pouca,
Rei e Fada chegaram
ao Reino tão prometido.
O Rei ficou embasbacado
ao ter naquela visão perecido
todo cansaço e os dissabores
que os súditos lhe traziam.
Jamais esperava ver com seus olhos

*o lugar aonde só os magos iam.
Havia duas estrelas cor-de-rosa
que a linda mata iluminavam.
Luzes nas casas, música ressonante,
de tempos que nunca passavam,
pássaros revoavam adiante!
Não havia preocupação.
Naquele silêncio de paz
ouvia-se até o coração.
O céu brilhava tão lindo,
fulguroso, doce e suave!
Raios de luz encantavam e sorrindo
pareciam dizer-lhe: Ave.*



Tão fofinha, a areia do solo,
que os dois ali então se deitaram.
Ouviram cheiro de chuva
beberam gotas de orvalho.
O salgueiro, balouçando seus galhos
esmiuçou belas folhas rosadas
com que o Rei à Fada roçou
sua pele encamurçada.
Entrando na casa da Fada,
que era o mais delicioso abrigo,
havia uma poltrona aveludada
e do forno...
Vinha cheirinho de trigo.

*Cheirinho de trigo
das padarias que fazem croissants,
quando o açúcar fica dourado
e no céu da boca, estalado
se degusta a bela manhã.
À noite, cada degrau tinha uma vela.
Brilhavam, dançavam e piscavam,
exalando azahar, mel e canela!*





Rei até achou...

...que tinha morrido!

*E que Deus havia lhe dado aquela casa
que lembrava um peito de amigo.*

*A Fada pegou um ramo de alecrim
molhou numa pira com água
esborrifou nos cabelos de delfim,
sentou-se por cima da anágua,
dizendo ao Rei, paciente:*

*– Assim que essa água secar
Vossa Majestade será sábia.*

O Rei esperou ansioso,
mas o que ele queria, mesmo,
era o beijo daquela Fada
que o fazia dar sorrisos
quando não lhe agradava mais nada.
Subiram escadas de madeira macia
com os pés friozinhos, descalços
e o Rei descansou ali,
esquecendo-se de todo percalço.
Acordou pela manhã,
ouvindo o som de belos sinos.
Ali não tinha carapanã
nem mofo ou desafino.

***D**esperta, a alma do Rei
imaginava seu próprio destino.
Logo buscou a Fada
e a viu tecendo fios bem finos,
encantando algumas prumadas
em rumos, entoando hinos.
Mas o Rei rapidamente
não sentia nada mais além.
Onde estava a mais alta sabedoria
que a Fada prometeu por bem?
E o mistério que lhe embevecia,*

*por sentir o receio de alguém?
Deixando de se concentrar
padecia a contemplação
deixava de pensar, de ser sério,
e oscilava em utilização...*

Rei. – Dona Fada, a senhora não tem medo?

Fada. – De quê?

Rei. – De viver assim, num Reino sem guarda?

Fada. – Ah. Mas aí você descobriu
o porquê de eu buscar um Rei.

Mas encontrei mais que eu buscava.,
coisas que jamais entenderei...

*O Rei então criou coragem
e segurou na mão da Fada
de novo apaixonado, deu-lhe um beijo!
E fez dela sua namorada.*





*as enquanto o Rei ali se divertia
passaram mais de semanas...*

E ele não percebia:

uma fumaça do seu Reino emana!

Seus cavaleiros reuniram-se:

estavam decididos

que não se tratava de Fada,

mas sim bruxa! De demônios encardidos!

Afinal, onde estava seu Rei?

Por que ele não voltava?

Guardas.– Foi sequestrado!

Foi amarrado!

Vamos logo pegar nossas clavas!





*Os cavaleiros então se armaram.
Saíram com um exército,
para buscar o Rei, que na casa da Fada
dava tudo por estando certo.
Fadas e magos estavam tranquilos,
bebendo um delicioso néctar,
deitados bem abraçadinhos,
esvaindo-se da realidade decrepita...
Mas de repente... O alarme soou!
Um exército!
De homens de espada!*

*A Fada logo se arrumou:
foi de robe até os limites de seu Reino
indagando qual era o complô.
Olhou pelo seu binóculo.
Viu um monte de soldados!
Mostrou ao Rei que havia perto
um monte de ensandecidos marchados!
O Rei logo reconheceu
seus homens contratados...
Dilapidando
o Reino de sua própria Fada.
Desceu furioso.*

Rei. – Parem com isso!
 Seus néscios! Incapazes!
 Avisei pra não atacarem sem aviso!

A Fada ali pasmour.

Fada. – Como assim..?!
 Você concebeu invadir meu Reino?
 Pisar meu orvalho e jasmim?!

O Rei se avermelhou.
Ficou vermelhinho, vermelhinho.

Rei. – É que eu não sabia se você era mesmo Fada



Embora soubesse um pouquinho.

E a Fada lhe disse adeus.

*Fada. – Da próxima vez que me visitar
não quero ver nenhum dos seus.*

*Rei e soldados voltaram cabisbaixos
ao velho Reino, entristecidos.
Embora o Rei nada reclamasse
lamentavam ter os espólios restituídos.
Imponente, montado em sua sela,
o Rei mantinha pose alta,
mas era claro que ele receava*

*que dos belos dias, sentiria falta.
Num momento futuro,
num momento esquecido,
lamentaram aquele muro
que, triste, se fez construído.*



*final, tanto o Rei como a Fada
viviam em função de um depois;
não se contentavam com o belo presente
e o simples feito de estar a dois.
Afinal, o futuro de cada um
está sempre em eterna mudança,
e embora seja importante
não se vive só de esperança.
De tão armados ficaram
ao menor aceno um do outro
que mesmo estando apaixonados,*

com a ansiedade, o ténue era pouco.
Do lado de dentro do muro,
a Fada mirava, decepcionada,
o reino agora distante,
em que outrora se fez deslumbrada,
lembrando do sorriso do Rei
quando ele prometia fazê-la amada.
Sem poder fazer muita cousa,
como o sábio num gesto repousa,
perdoou-se! Pois é fada.
Chamou os magos amigos de longe
e foi de si mesma dar umas risadas.



Ana Paula Arendt, pseudônimo de R. P. Alencar, é escritora, poetisa e diplomata. Nasceu em 1980, em Rondônia. Diplomada em Relações Internacionais e Mestre em Ciência Política, trabalhou desde 2004 na área de Direitos da Infância e da Adolescência, antes de entrar para o Itamaraty, em 2008. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi. Morou em São Paulo, Montevideu e Brasília, onde reside hoje.

Autora de livros infantis, de peças teatrais, de romances e de coletâneas de poemas. Publicou "A Verdade é Filha da Mentira" e "Rumo à Liberdade", pela Azougue Editorial. Autora do romance de boteco "Trinta Moedas para o Diabo", do poema épico "Penthesilea"; e a obra premiada "O Constituinte".

www.anapaulaarendt.com



O Rei e a Fada

Ana Paula Arendt



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-920755-0-7



9 788592 075507

"Depois de zanzar por aí
Seguir uma estrela ou outra
Ouvir um passarinho aqui
Sem distinguir coisa pouca
Rei e Fada chegaram
Ao Reino tão prometido.
O Rei ficou embasbacado
Ao ter naquela visão perecido
Todo cansaço, e os dissabores
Que os súditos lhe traziam.
Jamais esperava ver com seus olhos
O lugar aonde só os magos iam. "